

matiné pensante 2015

sentir madeira



os Pensantes



Fátima Lopes
Estilista



João Baptista
Investigador



Nini Andrade Silva
Designer



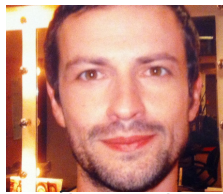
Teresa Gonçalves Lobo
Artista Plástica



Regina Pereira
Responsável Qta Pedagógica



Fatum
Grupo de Fados AAUM



Elvio Camacho
Actor e Encenador



Miguel Sequeira
Professor Universitário



Américo Pereira
Especialista Vinho Madeira



Henrique Amoedo
Director Artístico



João Rodrigues
Velejador



Zé Pedro Cobra
Humorista



José Manuel Castanheira
Ex-Reitor da UM



Pedro Quartin Graça
Blogue Ilhas Selvagens



Pedro Costa
DG Quinta do Furão



Paula Cabaço
Presidente do IVBAM



Bem Vindos à MP 2015

Ana Faria
Directora do
Evento

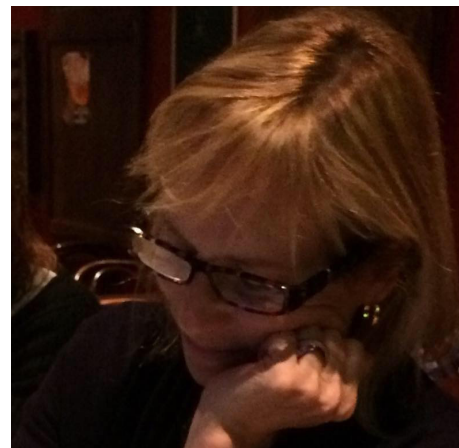
“

“Tudo vale a pena quando a Alma não é pequena”, talvez sejam estas as palavras que melhor caracterizam o espírito das Conferências Matinês Pensantes.

A Matiné Pensante é um espaço de partilha de ideias, de sonhos, de projectos, mas sobretudo um espaço onde uma imensa vontade de fazer mais e melhor nunca nos deixa tranquilamente postos em sossego.

Esta revista vem assim no seguimento das conferências e tem por objectivo primeiro o convite à reflexão; uma espécie de “tpc” pós conferência.

Ontem como hoje, acreditamos que vale a pena e por isso desafiámos os Amigos que como nós



gostam de pensar e sentir Portugal a partilharem connosco o que lhes ia na Alma! E o resultado está aí.

Resta-nos agradecer a confiança depositada nas MP's. Agradecemos-vos então fazendo referência ao Tratado de Gratidão de S. Tomás de Aquino. Um tratado que nos fala dos três níveis de gratidão: o superficial, o intermédio e mais profundo. E ao nível mais profundo da gratidão que gostaríamos de vos agradecer; ao nível do vínculo, de nos sentirmos vinculados e comprometidos com todas aqueles

que, como NOZ*, acreditaram desde a primeira hora neste projeto. E como só em Português é que utilizamos a palavra OBRI-GADO para agradecer, ficamos-vos então obrigados a continuar este diálogo à volta do nosso País porque, agora e sempre... PORTUGAL Faz BEM!

■ *As Conferências Matinês Pensantes são organizadas pela MATRIA ASBL*

Uma ilha Europeia



Liliana Rodrigues
Eurodeputada

“**Sejam bem-vindos a esta Matiné Pensante, a este lugar onde a Madeira se mistura com um frio que não é nosso e onde a nossa pronúncia sempre denunciará o sol e o mar.**



Excelentíssim@s
convidad@s
Querid@s amig@s

Sejam bem-vindos a Bruxelas, capital não oficial de um sonho europeu ainda em construção.

Se atendermos à sua origem etimológica, Bruxelas significa pântano, facto que parece contrastar com o cheiro adocicado do Funchal. Poderá um pântano fazer crescer funcho? Poderá o contraste fazer nascer ideias e tirar de si resultados que mostrem aquilo que de melhor tem uma ilha europeia?

A Madeira tem um norte cavado por montanhas que levam a água até a um sul cosmopolita. Tem uma

ponta mais agrícola a oeste e as Mudas lá no alto a cruzar a arquitetura de excelência com a natureza.

No outro extremo, um forte dilacerado encontra São João Batista a indicarnos a entrada de Machim, esse que por amor resgatou a sua amada em plena tempestade encontrando abrigo nessa mancha verde em pleno Atlântico e que os salvou de uma morte em águas profundas. Foram salvos por uma pérola.

Tem ainda esta ilha uma irmã mais pequena, dou-rada e calma, que nos dá o descanso e a vagareza necessários ao corpo e ao espírito. Que nos deu a voz de Max e um Porto Santo



o melhor que temos na Madeira são as pessoas

que foi abrigo de descobridores e aventureiros. Uma ilha de paz, de silêncios e de esquecimentos.

Esta é uma terra de Selvagens cobichadas e de Desertas vistas a partir de um presépio que se estende pelas montanhas do Funchal. Um mundo plástico. Um mundo que da periferia vê melhor.

É este o espírito que nos une aqui. A diferença que nos marca. A serenidade e a dissidência que sempre inquietaram o povo da Madeira. Uma Revolta dos Anos 30 que será sempre

o símbolo daquilo de que somos capazes. Dizer não e criar um lugar melhor.

Nestes dias será precisamente isso que aqui faremos, comungar da nossa identidade. Fazer nascer um lugar comum e mostrar à Europa, essa Princesa fenícia, aquilo que melhor fazemos e temos. E o que de melhor temos na Madeira são as pessoas. Aquelas pelas quais tudo vale a pena. São algumas dessas pessoas que hoje aqui estão. São os filh@s da Madeira. Somos os filh@s da Madeira no coração da Europa.

Do design ao teatro, da investigação à inovação, do estilismo ao mar, da dança à cultura, da pedagogia à literatura, haverá sempre em nós a certeza de que juntos seremos mais fortes para abraçar um mundo que nos recebeu a todos pelos quatro cantos do mundo.

Este é o lugar onde, nestes dias, daremos voz à Madeira e retribuiremos um pouco daquilo que ela nos deu, os homens e as mulheres que somos.

Obrigada e um bem haja.



■ As Conferências Matinês Pensantes têm sido possíveis graças a uma parceria com os Eurodeputados Portugueses

Sentir a Madeira como um ilhéu



**Claudia
Monteiro de
Aguiar**
Eurodeputada

“Escrevo este pequeno testemunho, no avião, numa das muitas viagens que me fazem sair e regressar à nossa querida Madeira, com espírito de missão e desejo de voltar.



Há momentos, gentes e lugares que nos marcam para toda a vida. Mas há aromas, paisagens, temperaturas e paladares que além de insubstituíveis geram em nós um inconsequimento de dissociarmos da terra que nos concedeu o privilégio de nascer.

O cheiro a maresia que chega até nós, cada vez que o mar, com sua força natural, acaricia os vários calhaus em cada fajã ... É único!!

A tranquilidade e a frescura da água que corre nas levadas, em percursos onde um bis bis pode presentear-nos com a sua presença num fundo majestoso de vales e mon-

tanhas... É único!!

Dos paladares aos aromas... qual de nós não é capaz, de olhos bem fechados, identificar umas lapas grelhadas, um budião na grelha, a manteiga de alho derretida num maravilhoso bolo do caco... uma sandes de carne de vinho e alho ou uma sandes de espada no paposeco!! E a poncha, tão nossa quando feita pelas mãos das gentes da terra, feita da verdadeira aguardente. Uma delícia única que precisa ser consumida com moderação. Um “pé de cabra” bem escurinho, num convívio de comparsas ou um malvasia subtil num brinde a um evento ou momento nobre. Isto é... sentir a Madeira!!



■ As Conferências Matinês Pensantes têm sido possíveis graças a uma parceria com os Eurodeputados Portugueses

*reza a
história
que somos
um povo
valente*

Mas torna-se humanamente impossível numa simples página descrever o arquipélago que Tristão Vaz, Zarco e Colombo colocaram no Mapa-Mundo como terras de Portugal.

Ser ilhéu é receber naturalmente de braços abertos e de sorriso rasgado todos quantos nos visitam. Sentir a Madeira é vivenciar a alegria de um povo que junta um reco reco, uma braguinha, um rajão a um acordeão, afina a viola, dá ao braço ao brinquinho e solta a voz, ao despique, em quadras tão descritivas como reais.

Ser ilhéu é ter nas 54 freguesias e nos 11 concelhos músicos, verdadeiros artistas que juntos dão vivacidade e profissionalismo aos encontros de bandas filarmónicas, aos encontros de tunas e orquestras de bandolins, aos grupos folclóricos que passaram de 24 a 48h a bailar.

Sentir a Madeira é sentir o aroma das flores, as suas cores vivas levadas ao colo nos carros alegóricos num dos mais belos cartazes turísticos - a festa da flor!!

Sentir a Madeira é vestir o melhor fato que temos,

o vestido mais cintilante e descer à praça central para um convívio ímpar que culmina com um espetáculo pirotécnico fabuloso, num anfiteatro incomparável como é o da baía do Funchal. Venha sentir à meia-noite de um 31 de Dezembro qualquer esta experiência.

Ser ilhéus e ultraperiféricos traz-nos também enormes desafios, barreiras muitas delas intransponíveis. Mas reza a história que somos um povo valente, herói do trabalho, que se fez ao mar em conquistas e vitórias. E temo e creio que é esse fado que nos continua a inspirar e a querer dar-nos ânimo para progredir e ir mais além.

Lutamos por um tratamento diferenciado, porque estamos condicionados por essa diferença. Exigimos ser considerados pelas mais-valias que podemos ser, para o todo nacional bem como para a Europa, da qual nos orgulhamos ser parte integrante. Sentir-se ilhéu é ter na alma, na palavra e na participação cívica e política a arma que nos permita uma autonomia justa e equilibrada, sem desistir e sobretudo sem fazer com que desistam de nós.

Lembremo-nos e orgulhemmo-nos sempre de quem somos e do que temos. É da Madeira Cristiano Ronaldo, o melhor jogador de futebol do mundo, temos o mais alto promontório do Mundo, o do Cabo Girão. E temos as melhores ondas do mundo depois do Havaí para surfar.

A voz de Max com o seu "Noites da Madeira", o corte na alta-costura de Fátima Lopes, a arte e o design da carinhosamente apelidada "garota do calhau", Nini Andrade.

Sentir a Madeira é recon-



hecer que fomos escolha do Imperador Carlos da Áustria e da Imperatriz Sissi, que Churchill tinha como cantinho de eleição a pitoresca Câmara de Lobos.

Sentir a Madeira, ser ilhéu não é apenas isto, é muito mais.

Termino com um convite a que todos, pelo menos uma vez na vida, façam parte da experiência que é conhecer, vivenciar e sentir a Madeira.





A quatro passos de distância

■ Fundado em Abril de 2011, o Art Institute é, à semelhança da MATRIA ASBL, uma organização sem fins lucrativos que promove a cultura e a arte de Portugal. O Art Institute funciona como uma plataforma de inspiração inter-cultural e como catalisador de um diálogo artístico inovador entre as diversas comunidades de Nova Iorque e os artistas Portugueses.

<http://arteinstitute.org>



Ana Ventura Miranda

Directora do
Arte Institute

Nestes últimos quatro anos, em vez de me lamuriar por Portugal e tentar encontrar todos os defeitos possíveis e imaginários, pus mãos à obra e decidi fazer a minha parte para encontrar esse país. Pelo caminho, sem saber, “fiz as pazes” com Portugal, comecei a percebê-lo melhor e a ver com o distanciamento com que é preciso olhar para as coisas que nos mexem no coração, na alma e nas entranhas. Como disse José Saramago: “as vidas são como os quadros, precisamos sempre de olhá-las quatro passos atrás, mesmo se um dia chegamos a tocar-lhes a pele, a sentir-lhes o cheiro, a provar-lhes o gosto.” (“Todos os nomes”).

Assim é com as vidas, e

assim é com o país onde nascemos. Os primeiros cheiros que se colam às paredes das narinas para todo o sempre, as cores do primeiro céu que olhamos, o som do mar e da nossa língua materna em que experienciamos os nossos sentimentos mais primitivos e onde as emoções ganham corpo pela primeira vez na nossa pele... tudo isto é Portugal... e nós... entranhados num só. Ainda nem sabemos processar esta vida que nos toca e já está tudo tatuado na nossa carne e no nosso ser.

Nesse caminho de volta para Portugal percebi o quanto é engenhoso o nosso grande talento do “desenrascar”, que tão desvalorizado está porque olhamos para lado e

por norma somos assim, então o facto de sermos em média assim, não nos permite ter o distanciamento para perceber que não é regra. Nós somos assim, nós somos mestres na arte de desenrascar. E a isto nos últimos anos, adicionamos o estarmos preparados em termos intelectuais, mas passamos a vida a dizer mal do nosso ensino. Acima de tudo estamos preparados para a vida, somos emocionalmente inteligentes e temos uma coisa fundamental, temos plasticidade cerebral, adaptamos e integramos-nos.

Também percebi que o nosso sistema de saúde em que temos um nome e não um número, em que somos tratados como pessoas e que os médicos



nos olham, é um bem tão precioso. Saber que estas nas mãos de alguém que nos vê como um ser humano.

Portugal por favor, não percas nada disto....vejo estas coisas tão valiosas e que quando estava aí também achava que era mau e que hoje vejo a partir da minha janela de Manhattan, num dos países mais poderosos do mundo, que assim não é. Falavam-me os quatro passos de distância. Eu vejo estas coisas a mudarem e vejo que caminhamos para a destruição do tanto que se conseguiu construir e nem sabemos, porque se tornaram um dado adquirido. Vejo estas gerações mais novas cada vez mais dependentes, sem vontade de lutar, que só têm direitos. A minha mãe costuma dizer que antigamente quem não tinha pão na mesa era pobre, hoje em dia, e não foi assim há tantos anos atrás, pobre é quem não tem um iphone e um ipad e tantas outras coisas que no fundo só nos distraem de nós e dos demais à nossa volta.

Infelizmente uma coisa ainda não mudou e continua a ser o nosso maior desafio: trabalhar juntos



e deixar de ter medo dos que têm uma visão mais alargada ou um talento especial. Continuamos a tentar deitar abaixo o que não entendemos, ou aqueles que lutam para ir mais à frente. Continua a ser um desafio perceber

que ganharemos todos, se formos juntos. Se temos um Cristiano Ronaldo na equipa, vamos trabalhar em conjunto para o fazer chegar ao golo.

Eu ainda acredito, e vou no meio do caminho, que se

pode mudar, que esta crise terá servido para obrigar as pessoas a arriscar, a ir à luta. A necessidade é por vezes um grande motor para o avanço. Dentro de mim ainda sinto esta coisa na barriga que me diz que lá chegaremos e que encontraremos as pessoas certas, que terão o olhar e a intuição, que é para ali que vamos e que nos indicarão o caminho e nós seguiremos com convicção, mas sempre sabendo que pensamos com a nossa cabeça, que pomos todo o nosso empenho para alcançar o objetivo: espelhar o valor do Portugal que somos. Todos nós portugueses somos a marca Portugal e nunca nos devemos esquecer disso.

Nesse meu caminho de volta para Portugal percebi também que muitas vezes o país nos pede ajuda, nós ajudamos, chegamos com tudo pronto e depois o próprio país não sabe o que fazer connosco. Esse é também o desafio, e igualmente para nós que vamos com toda a paixão e "fúria" de mudar o que sabemos poder ser melhor. Do nosso lado o desafio é aceitar no nosso coração e na nossa mente que as coisas às vezes não são no

tempo que nós queremos ou sentimos convictamente dentro do peito, mas sim um equilíbrio entre o nosso tempo e o tempo do próprio Portugal. Como em qualquer relação é sempre o equilíbrio de dois. É doloroso esse desencontro de tempo e no compasso de espera, não podemos desesperar, nem perder a esperança, podemos zangar-nos um bocadinho mas depois temos de aceitar e esperar que Portugal esteja preparado para nós e deixe de fingir que não nos está a ver porque não sabe o que fazer connosco que queremos trazer e criar o novo, e somos por vezes demasiado impetuosos para a mentalidade estabelecida.

Como na verdadeira amizade e no amor, temos de gostar de tudo, das duas partes que compõe a vida e que se equilibram: o bom e o mau. E neste meu caminho para Portugal, por mais que me zangue contigo e me deixes doida em alguns momentos porque é tão simples e tu complicas tanto.... no fundo, no fundo, o que há por trás disto tudo e por mais que ame a minha Novaorque que me deu oxigénio quando tu mo tiraste....

no fundo, no fundo....é a ti que amo incondicionalmente com as minhas vísceras, às escondidas... porque tenho, e temos todos de te agradecer o que nos ensinaste muitas vezes com uma régua na mão, foste tu que nos formaste, nos gerastes assim...um filho ama sempre os seus pais por mais que eles tenham falhado com ele....mas tu não nos falhaste Portugal, tornaste tudo apenas mais complicado....mas fizeste de nós tudo o que somos hoje.... Portugueses a olhar para ti a quatro passos de distância, a amar-te e a lutar sempre por ti.

■ Este texto foi escrito pela Ana Ventura Miranda especialmente para a MP 2015 no âmbito da parceria estabelecida entre o Art Institute e a MATRIA ASBL.

Ser Portuguesa

■ Ana Maria de Oliveira de Sousa Dias é uma jornalista portuguesa. Iniciou a sua carreira na publicação “Vida Rural” do grupo “Diário de Notícias”, em 1975. Passou pelo Diário de Notícias, O Diário, Expresso e Público. Estreou-se na televisão, na RTP-2, com o programa de entrevistas “Por Outro Lado”. Apresentou em 2007 a série “O Meu Bairro”. Realiza também entrevistas na Antena 1.

Ana Sousa Dias
Jornalista



Não sei bem o que é isto de ser portuguesa, embora já tenha tido ideias firmes sobre esse (e outros) assuntos. Ainda há pouco tempo moderei um debate sobre este tema e é de tal modo difuso que cada um fez uma abordagem diferente. Por exemplo, o jornalista Nicolau Santos preparou uma coleção de excertos de poemas, mais ácidos uns, mais doces outros. Trazia o Alexandre O'Neill, o Mário Cesariny, o Mário Henrique-Leiria. O mais magoado de todos era o Jorge de Sena, português que viveu exilado nos Estados Unidos, uma

enorme ferida aberta que nunca perdoou ao país.

O outro orador do debate era o geógrafo Álvaro Domingues, autor de livros sobre o território e colunista de grande ironia. Para ele, Portugal é uma sobreposição, no tempo e no espaço, de muitos portugueses diferentes que convivem sem dificuldade. Mostrou fotografias em que o rural e o urbano, o antigo e o novo, se mostravam despreocupados vivendo lado a lado.

Uma pessoa lê os mestres que pensaram e pensam

Portugal, de José Mattoso a Eduardo Lourenço e José Gil, e fica com algumas pistas e muitas perguntas. Mas antes disso há tudo aquilo que estudei num tempo antigo, disparates que a História oficial nos impingia. O ódio aos espanhóis era logo o primeiro, e logo a seguir vinha o desprezo pelos árabes. Espantoso, se pensarmos que uns e outros são os nossos vizinhos mais próximos e com eles fizemos parte da nossa vivência. Gosto de pensar que todos temos um bocadinho deles nas nossas vidas. Que não descendemos de uma desinteressante e arrumadinha raça sem contaminações, sem cruzamentos. Foi uma revelação quando aprendi com o arqueólogo Cláudio Torres que as escavações feitas em Mértola mostravam com clareza que os árabes tinham continuado a viver ali muito depois de terem sido, diziam os compêndios, “expulsos”. E que Lisboa foi, há séculos, uma cidade com muitos negros cujo sangue está diluído no nosso.

Ainda hoje sentimos a presença dos 500 mil que, com enorme sofrimento e criatividade, trouxeram as

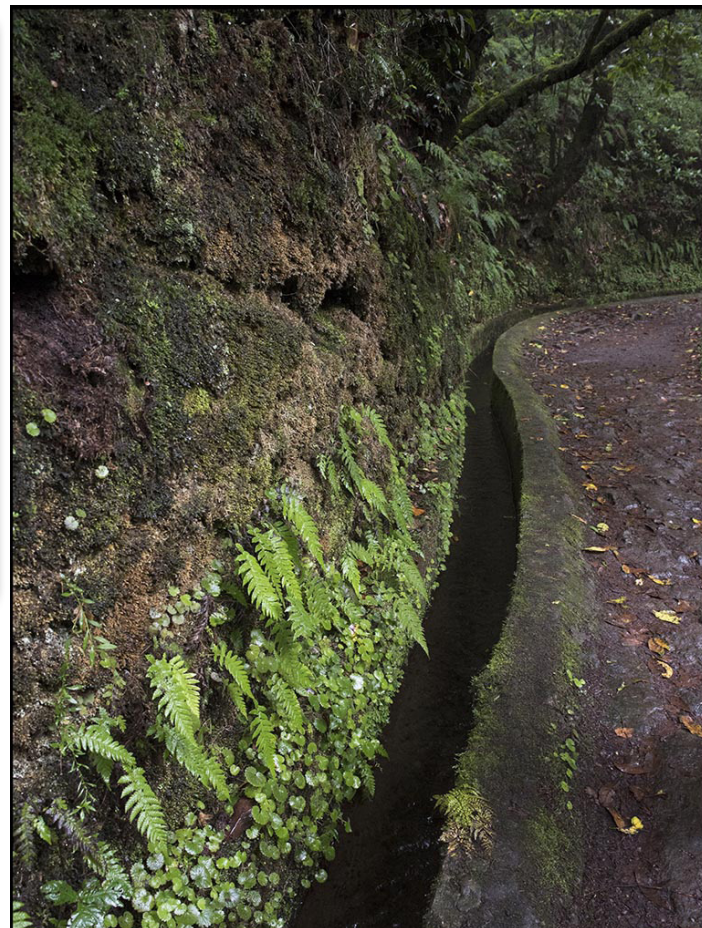


cores de África nos anos da descolonização. E dos que foram chegando depois, vindos dos novos países africanos, à procura de trabalho. E dos que foram embora para os países ricos da Europa e da América, mas que regressaram de vez ou voltam todos os anos. E dos muitos, de muitas origens diferentes, que recebemos nos anos em que nadámos

em dinheiros europeus e autoestradas.

Por isso, ser portuguesa agora já não é aquela coisa cinzenta e cheia de mitos e medos de há 40 e tal anos. Também não é só gostar de Cristiano Ronaldo, a nova versão de Eusébio, Figo, Rui Costa: todos saltamos a festejar os golos deles. É saber que somos uma grande mistura e ter-

mos orgulho nisso, e que quando Camané canta “Sei de um rio” está a cantar o nosso rio, as nossas estrelas, os nossos amores.



Teresa Gonçalves Lobo

Dessin



■ A MP 2015 tem a honra de apresentar a vernissage da exposição de desenho de Teresa Gonçalves Lobo. A exposição é composta por 17 desenhos realizados entre 2013 e 2015.

O desenho de Teresa Gonçalves Lobo é habitado pelo alfabeto, uma escrita em turbilhão, brotando dos recessos de um inconsciente que busca o antigo elo entre o Ser e o Cosmos, quebrado por séculos de civilização racionalista. O modelo é para ela, como o foi para Henri Michaux, o Oriente, metáfora ancestral dos domínios do espírito. Um espírito, alimentado no seu caso, por uma alma feminina e sensível, por uma sensualidade que escreve o ímpeto vital da natureza. Caligrafias, jactos negros sobre o branco, frágeis, cheios de rigor que vem das certezas da alma

desperta para a beleza, lição última dos elementos.

Escritas da terra, da água, do fogo e do ar, traços da sombra que deseja a luz, balbuciantes, impetuosos, rios escuros de tinta sobre a respiração branca do papel, símbolo do eterno recomeço de uma linguagem que na sua pintura é símbolo por excelência do humano.

Maria João Fernandes
A.I.C.A.
Associação Internacional
de Críticos de Arte



Teresa Gonçalves Lobo nasceu, em 1968, na Madeira. Vive e trabalha em Lisboa.

É formada em pintura, desenho e gravura pelo Ar.Co e em fotografia pelo Cenjor, ambos em Lisboa. Expõe desde 2004.

A sua obra encontra-se em coleções públicas, designadamente no Centro das Artes Casa das Mudas, Madeira; na Fundação D. Luís I, Centro Cultural de Cascais e em colecções privadas em Portugal, Áustria, Bélgica, Brasil, China, Espanha, Guiné Equatorial, Luxemburgo, Reino Unido, Rússia e Suíça.



Dançando com a Diferença

A inovação e a ousadia, entre tantas outras, são características da Arte Contemporânea e consequentemente, estão presentes no trabalho do grupo Dançando com a Diferença. Não de forma gratuita e inconsequente, mas sim com uma postura de que só poderemos contribuir para a modificação da imagem social das pessoas com deficiência se soubermos aliá-las e apresentá-las para o público, de forma a confrontá-lo com esta realidade.

Este amplo projecto com acções educacionais, de apoio terapêutico e, principalmente artísticas atende directamente cem pessoas, entre crianças, jovens, adultos e menos jovens e pretendemos que continue a crescer ampliando a sua participação e competitividade no "mercado da dança" pois, de bailarinos se trata, que dançam com o corpo e não "apesar do corpo".

■ Durante a MP 2015 o Henrique Amoedo, fundador e director do Grupo Dançando com a Diferença, apresenta um excerto de alguns dos trabalhos do Grupo



Programa MP 2015

13h00	Check In
13h30	Vernissage da Exposição da Teresa Gonçalves Lobo com Poncha de Boas Vindas
14h30	PAINEL DO OLFACTO João Baptista, Miguel Sequeira e Pedro Costa
15h30	PAINEL DA VISÃO Teresa Gonçalves Lobo, Fátima Lopes e Nini Andrade Silva
16h30	PAINEL DO PALADAR Paula Cabaço e Regina Pereira
17h15	Escala Técnica para Chá, Café ou Laranjada & Bolo de Mel & Jornal
17h45	Dançando com a Diferença
18h00	PAINEL DA AUDIÇÃO Élvio Camacho e José Manuel Castanheira

18h45	PAINEL DO TACTO João Rodrigues e Pedro Quartin Graça
19h30	Aperitivo “Cocktail Madeira-on-ice”
20h00	Recepção Jantar
20h15	PROVA VINHOS MADEIRA Américo Pereira
21h00	JANTAR
22h00	Sobremesa com Zé Pedro Cobra
22h30	Grupo de Fados da Associação Académica da Universidade da Madeira - Fatum
23h00	Soirée Dançante



Os Apoios





© Sergio Leloux